

Boletim

Departamento de Psicanálise da Criança



Instituto SEDES Sapientiae
Departamento de Psicanálise da Criança

Ano VIII No 17 - Agosto 2010

Ficha Técnica

Editora Responsável

Denise de Sousa Feliciano

Equipe Editorial

Alessandra Barbieri

Fernanda Mara Colucci Fonoff

Julia Eid

Planejamento

Setor de Comunicação e

Publicações do Departamento de

Psicanálise da Criança do

Instituto SEDES Sapientae

Tiragem

350 exemplares

Distribuição

Interna

Projeto Gráfico & Design

Matt

Desenho da Capa

Pedro Henrique, 7 anos



notícias do departamento

notícias do departamento

por Denise Feliciano

05

diálogos

escuta institucional:

um novo divã para a psicanálise?

uma conversa com Sandra Ungeretti sobre trabalho

com abrigos e ciranças abrigadas

por Julia Eid

10

ensaio

o direito à própria história:

um trabalho em abrigos

18

confira!

Cultura: Kafka e a Boneca Viajante (Jordi Sierra i Fabra)

Cultura: O Murmúrio dos Fantasma (Boris Cyrulnik)

22

em foco

O que nossos membros estão apresentando

24

editorial

A atual edição inaugura um novo *layout*.

É o resultado de nossa contínua preocupação com a qualidade da publicação, tanto no cuidado com os textos, quanto com a apresentação estética que favoreça a objetividade e clareza, tornando a leitura mais agradável.

Seguimos na busca de recursos técnicos de escrita e editoração que aperfeiçoem nosso instrumental de editores, tornando a publicação do departamento um meio de comunicação cada vez mais eficaz. Recorremos constantemente a profissionais da área, como subsidio ao nosso trabalho, tornando-o um espelho da filosofia de excelência que temos como meta para toda realização do departamento.

Como tem sido desde sua primeira edição, o *Boletim* conta com uma equipe editorial que se articula com grande comprometimento e seriedade, fator determinante para os resultados que conquistamos ao longo desses oito anos de existência. Mas é, sobretudo, a paixão pela escrita o motor que nos impulsiona enquanto equipe, conferindo ao grupo um caráter de fluência e parceria que são essenciais para o trabalho que realizamos. Esperamos que nossos leitores desfrutem da leitura e contribuam com opiniões e sugestões, além de material para publicação, para que esse processo se mantenha vivo.

Denise de Sousa Feliciano

notícias do departamento

por Denise Feliciano

As atividades científicas promovidas pelo departamento tem sido cada vez mais frequentes e diversificadas. Presenças como Vera Blondina Zimmermann, que em junho apresentou seu trabalho sobre o diagnóstico diferencial do TDAH em crianças no *X Encontro sobre a clínica com crianças*, são fundamentais para nos mantermos atualizados. A psicanalista apresentou fragmentos clínicos a partir dos conceitos de Silvia Bleichmar, Ricardo Rodolfo e Piera Aulagnier, com intuito de diferenciar 'sintoma' e 'transtorno' na infância. O tema desperta interesse e tem sido frequentemente abordado no Curso de psicanálise da criança e no Grupo Acesso, tendo como pano de fundo, e perspectivas, a condição constitutiva da infância e seus avatares ulteriores.

Na *V Jornada Interna do Departamento*, que aconteceu em maio, vários trabalhos abordaram a psicanálise e a criança abrigada, particularidades no trabalho com autistas e o clássico dilema do lugar dos pais na análise com crianças.

Sobre Meninos e Lobos, adaptação de Clint Eastwood para o romance homônimo, foi o filme que esteve em cartaz na quarta edição de *Cinema e Psicanálise*, que mobilizou os afetos dos presentes, produzindo um caloroso debate. Na trama, as crianças Jimmy Markum [Sean Penn], Dave Boyle [Tim Robbins] e Sean Devine [Kevin Bacon], garotos normais aprontando na vizinhança são flagrados por um policial e Dave é forçado a entrar num carro, episódio que muda sua vida e, indiretamente, a de seus amigos. Mas isso é passado. Hoje adultos, os três seguem suas vidas de formas distintas, até que um novo evento trágico faz com que seus caminhos se cruzem de maneira inesperada, demonstrando o quanto assuntos mal resolvidos podem reverberar, não importando o tempo.

Cinema e Psicanálise é uma atividade que vem acontecendo mensalmente nas tardes de sexta, sob coordenação de Lia Fernandes. A interface com a cultura faz parte do cotidiano dos psicanalistas, que encontram na expressão criativa das variadas formas de arte, a possibilidade de comunicação sobre o funcionamento mental do indivíduo e sua relação com o mundo. A herança vem de Freud, cuja erudição permitiu

¹ Membro do Depto de Psicanálise do Instituto SEDES SAPIENTIAE, Dra em Psicologia Clínica-PUC/SP, Coordenadora do CRIA (Centro de Referência da Infância e Adolescência/UNIFESP), Supervisora de CAPS/Infantil (V.Prudente e Jabaquara), autora de "Adolescentes estados-límites: a Instituição como Aprendiz de Historiador"- Escuta, 2007.

notícias do departamento

que a psicanálise não se isolasse em uma prática hermética.

O projeto *Interlocuções* começa a ocupar espaço próprio e cativar a fidelidade do público interessado no pensamento de Winnicott e o desdobramento de sua obra na clínica cotidiana. Todas as últimas quartas-feiras do mês, analistas com trabalhos desenvolvidos sob viés da obra do autor e a clínica com crianças tem sido convidados a debaterem seus trabalhos (ver retrospectiva no quadro). A atividade é um projeto do Espaço Potencial Winnicott (EPW), e acontece desde setembro de 2009 sob coordenação de Afrânio Ferreira (afraniodematos@uol.com.br), Angela May (angelamay@ig.com.br), Irmgard Ferreira (Medi) (irmgard-medi@uol.com.br) e Magaly Callia (magaly.mm@uol.com.br).

Para o segundo semestre, a expectativa é a vinda de *Marta Gerez-Ambertim*, autora de *Imperativos do Supereu: testemunhos clínicos*, que está prevista para 27 e 28 de agosto. No livro citado, a psicanalista retoma os casos de Freud e de Lacan, tomando como extensão o pequeno Arpad de Ferenczi, e acrescentando casos reveladores de sua própria lavra, para mostrar a invasão superegógica nas diferentes estruturas clínicas. Uma vez trabalhado o conceito de supereu em todas as acepções e incidências teóricas delineadas por todos os dois criadores da psicanálise, achou que havia ainda uma tarefa fundamental a realizar: tinha que demonstrar como funcionava e para que servia o conceito de supereu na clínica psicanalítica, o que os autores mais objetivos dentro da psicanálise internacional reconhecem estar faltando. Com este novo livro, temos também a inovadora clínica do desejo, na qual é possível, às vezes, negociar com a intrusão superegógica, aspecto inevitável em qualquer consideração de um caso psicanalítico.

Em direção a um aprimoramento no campo de pesquisas, que tem sido muito incentivado tanto pelo departamento quanto pelo Instituto, o Setor clínica e pesquisa recebeu em sua reunião semestral dos projetos em andamento, em março, uma nova proposta de pesquisa direcionada a atendimentos de bebês. Elaborada pela equipe de professores do *Curso de intervenção precoce na relação pais-bebê* e o *Grupo Laço*, será apresentada à Clínica do Instituto para avaliação das possibilidades de implantação. Além disso, o projeto do grupo de pesquisa de transtornos alimentares na infância vem ganhando mais corpo e, em breve, poderá publicar alguns resultados.

O Setor de eventos está em fase final de produção dos anais do *Colóquio 100 anos de Psicanálise com Crianças*, realizado em agosto de 2009. A consistência e relevância dos trabalhos apresentados foram decisivos para a publicação. Oportunamente o setor informará a

² Fonte: editoraescuta.com.br, a partir da resenha de Nestor Braustein (México). *Imperativos do supereu: testemunhos clínicos*, Marta Gerez Ambertim, 2006, Editora Escuta, 320 pág.

³ O grupo se reúne uma vez por mês às segundas-feiras às 10:30. Mais informações sobre seu funcionamento e inserção de novos membros poderão ser obtidas com Lia Pitluk (lia8@uol.com.br), que coordena o grupo.

disponibilidade para aquisição.

Em março, iniciou-se uma nova turma do curso de especialização Psicanálise da Criança, com o ingresso de 12 alunos. Como tem acontecido há alguns anos, realizamos em abril a apresentação do departamento, organizada pelo Setor de comunicação e publicações em parceria com o Setor de eventos e o grupo de Coordenação geral (CG). O evento reúne os novos colegas, os veteranos e demais membros que compõem os setores, numa breve reunião, na qual cada coordenador descreve as atividades de seu setor, e termina com um café da manhã, com intuito de favorecer a integração dos novos e aprofundar o conhecimento daqueles que já circulam há muito tempo por esses corredores.

Além do curso de especialização, nossos cursos de aperfeiçoamento e expansão mantêm seu lugar de referência entre os psicólogos e demais profissionais de saúde. Durante o primeiro semestre, recebemos 24 alunos no curso de expansão *Leituras psicanalíticas do brincar*, que conta com a coordenação de Adela de Gueller e Audrey de Souza, que junto com Ada Morgenstern, Elsa Susemihl e Bernardo Tanis compõem o corpo docente. Na categoria de aperfeiçoamento, o curso de *Intervenção precoce na relação pais-bebê*, coordenado por Audrey de Souza e Magaly Callia, compõem o corpo docente ao lado de Denise Feliciano, Mariângela Almeida, Maria Cecília da Silva e Tereza de Oliveira. Em sua sexta edição, o curso iniciou com 12 inscritos. Na mesma categoria está o *Winnicott: experiência e pensamento*, sob coordenação de Afrânio Ferreira e Magaly Callia, compondo o corpo docente junto com Irmgard Ferreira, Dione Ares, e Tereza de Oliveira. O curso recebeu 22 inscritos neste ano. Para o segundo semestre está previsto o curso de expansão *Psicanálise da criança: configuração de um campo*, coordenado e ministrado por Elsa Susemihl e Mary Ono. Reiteramos o convite a todos os membros para sugerir temas de interesse, que gostariam que fossem aprofundados, eventualmente em cursos de expansão ou de departamento. As sugestões podem ser encaminhadas para Elsa Susemihl esusemihl@gmail.com, responsável pelo Setor de extensão.

Alguns setores contaram com a entrada de novos membros em sua equipe, como Vera Rezende e Magaly Callia em Clínica e pesquisa e Julia Eid em Comunicação e publicações. Essas adesões são sempre motivo de comemoração por permitir que projetos mais ambiciosos saiam do papel e que os já existentes possam ser aperfeiçoados. O quadro atual de membros ativos ainda está muito aquém da demanda que cada vez mais aumenta à medida que ganhamos mais espaço e reconhecimento na comunidade psicanalítica. É comum termos membros

em mais de um setor para suprir as lacunas existentes, e é o que tem sustentado a continuidade das atividades e produções. Por isso, reiteramos nosso convite aos membros e alunos a ocuparem esses espaços e com isso podermos vislumbrar outras perspectivas.

E, como acontece a cada biênio, a Coordenação geral (CG) está concluindo sua gestão e se prepara para uma nova organização, discutindo as possibilidades de sucessão. Temos como filosofia a renovação do grupo e seu quadro, na intenção de contarmos com o olhar de novos colaboradores que junto com os veteranos produz novas óticas, aperfeiçoando permanentemente nossas atividades institucionais. Conforme o regulamento interno, todo membro com dois anos de atividade em algum setor pode se candidatar à sua coordenação, a exceção do Setor curso e a Coordenação geral do departamento que estatutariamente são ocupados por professores do curso de especialização [Psicanálise da criança]. É o momento oportuno para que nosso convite de ingresso nos setores possa mobilizar novas parcerias, sobretudo a participação dos alunos do curso que frequentemente nos ajudam a ver o que nossos olhares 'viciados' não são capazes de enxergar.

Supereu: Teoria e Clínica

Marta Gerez Ambertín

27 e 28 de agosto de 2010

INTERLOCUÇÕES – ESPAÇO POTENCIAL WINNICOT

RETROSPECTIVA DAS APRESENTAÇÕES DO 1º SEMESTRE

Março: UMA MÃE SEM DOR E SEU FILHO AUTISTA

Autor: Tales A.M. Ab'Saber

Comentador: Flávio Ferraz

O autor apresenta um processo terapêutico realizado com uma criança tida por psiquiatras como autista, e o impacto de seus sintomas e de sua recuperação humana no psiquismo de sua mãe que, como nos ensinou Winnicott, estava totalmente implicado no destino de seu filho.

Abril: IDIOMA SEM PALAVRAS: O INEFÁVEL NA RELAÇÃO ANALÍTICA COM ADOLESCENTES

Autor: David Levisky

Comentador: Afrânio de Matos Ferreira

Há um nível de comunicação que escapa e transcende ao significado das palavras. É o inefável da relação analítica que não pode ser expresso por palavras, indizível e encantador. Ele surge no setting graças à relação transferencial-contratransferencial, condição fundamental para a formação do espaço potencial. Nessas condições, potencialidades inibidas ou não estimuladas vêm à tona através de experiências espontâneas, criativas, destrutivas e reparadoras. No espaço potencial há a oportunidade para que ação e pensamento se complementem ao mesmo tempo em que ampliam e dinamizam as atividades do mundo mental e simbólico.

Maio: VAGANDO NO MUNDO – “VAGABUNDO”; Intervenção na relação pais-filho como favorecedora da representação de lutos não elaborados

Autor: Maria Teresa Ferriani Nogueira

Comentador: Rosa Maria Tosta

A autora relata um caso de intervenção na relação pais-bebê-criança pequena, tendo como base o método de observação de bebês de Esther Bick e as consultas terapêuticas de Winnicott.

Junho: “ET”, UM MENINO SEM LUGAR NO MUNDO DOS HUMANOS: A IMPORTÂNCIA DO LUGAR NA CONSTITUIÇÃO HUMANA

Autor: Lea Waidergorn

Comentador: Suzana Magalhães Maia

Winnicott deu grande destaque ao ambiente na constituição psíquica do bebê. A falta de um lugar de confiabilidade produziria consequências nocivas aos indivíduos. Desenvolveu o placement, uma modalidade de manejo clínico que pudesse fornecer as necessidades que não puderam ser contempladas em seu ambiente original. Este trabalho relaciona fundamentos teóricos sobre o tema do lugar com um caso clínico atendido no consultório e por dois acompanhantes terapêuticos na residência do paciente.

Comissão Organizadora: Ana Cristina Bueno, Angela May, Irmgard Ferreira, Luciana Godoy, Magaly Callia e Paulina Ghertman

INTERLOCUÇÕES acontece sempre na última quarta-feira de cada mês, de 12:00 às 14:00.

R\$ 30,00 para membros do Departamento e alunos, R\$ 40,00 para não membros.

escuta institucional: um novo divã para a psicanálise?

diálogo com Sandra Ungaretti¹

com mais de cem anos, a psicanálise tem sido convocada aos mais diversos ambientes e condições.

embora convictos da riqueza e pertinência dessas intervenções, a suposta 'transgressão do setting clássico' cria entre os analistas um clima de inquietação. Pensar sobre esses trabalhos à luz da metapsicologia nos permite encontrar a base de rigor metodológico que define a prática psicanalítica.

Sandra, como foi sua trajetória em psicanálise?

Trabalhei por dez anos na área de Engenharia e, aos 32, depois dos nascimentos das minhas duas filhas, resolvi fazer Psicologia. Meu encanto pelo trabalho com a psicanálise, e a psicanálise fora do consultório, começou ainda na graduação. Estudei na PUC-SP e encantei-me com a forma da Bel Kahn² pensar a psicanálise e o trabalho com a instituição. Quando me formei, minha primeira experiência foi numa Organização na qual eu havia feito estágio, na faculdade, com a própria Bel, e onde estou até hoje, apesar do trabalho ter mudado ao longo dos anos. Atualmente, dou supervisão nos equipamentos educacionais, nas creches da Cruzada Pró-Infância (ligada ao Hospital Pérola Byington, atualmente a Cruzada Pró-Infância administra uma rede de serviços composta por 11 Creches e 1 abrigo, beneficiando diretamente cerca de 2.600 crianças e adolescentes carentes da cidade de São Paulo.)³

Fiz minha formação no Departamento de Psicanálise do Sedes, e faço parte do grupo Acesso, no qual temos também, além dos atendimentos clínicos de crianças adotadas e abrigadas, um braço que está direcionado para as intervenções nos abrigos. Isso porque fomos nos dando conta de que muitas questões relacionadas com os

atendimentos pediam uma escuta e um olhar para a instituição. É um desdobramento do projeto justamente porque atendemos muitas crianças que moram em abrigos.

¹ Psicóloga, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise da Criança

² Isabel Kahn Marin, professora da faculdade de psicologia da PUC-SP

³ Informação obtida no site da Cruzada Pró-Infância: www.cruzada.org.br

Como tem sido trabalhar dessa forma?

As intervenções são mais pontuais. Por exemplo, quando uma criança é atendida individualmente e o analista dela se depara com atravessamentos da instituição que começam a exceder certo limite, o que interfere no atendimento, entramos em contato com o abrigo, marcamos uma conversa. Esse dispositivo tem se mostrado bastante favorável.

Em relação ao Acesso, embora os abrigos já tenham feito vários pedidos de projetos de intervenção, e avançamos muito nas propostas deles, ainda não chegaram a ser implantados. Temos a expectativa de que essas intervenções pontuais possam se desdobrar em um trabalho regular de supervisão na instituição, como tenho feito individualmente.

E como tem sido sua experiência com essas intervenções institucionais?

Esse trabalho acontece com os educadores e equipe técnica do abrigo, sendo, quando conveniado com a prefeitura, composta por um coordenador geral, um pedagogo, e um psicólogo ou assistente social. Faço esse encontro de supervisão com toda a equipe, inclusive cozinheira e auxiliares de limpeza, pois todos são educadores. Um encontro se inicia com os participantes falando o que lhes vem à cabeça, como no consultório.

É uma espécie de grupo terapêutico?

Não, é uma supervisão institucional. Pode ser que tenha uma função terapêutica, e eu acho que sempre tem, porque a supervisão proporciona um corte que faz pensar. Não é terapêutico no sentido das pessoas se queixarem de seus problemas pessoais, elas vão lá para falar do trabalho, das relações de trabalho com os colegas, com o superior, com a instituição da qual fazem parte e dela com as crianças; é esse o foco do trabalho.

Há um setting pré-definido para esse trabalho em termos de número de participantes, periodicidade? Você elabora algum contrato com a instituição?

O grupo todo é composto de 14 educadores e 3 técnicos. Os encontros acontecem quinzenalmente, com 2 horas de duração. Não há um contrato formal de trabalho, estabelecendo um número determinado de encontros. Eu diria que, a cada encontro, esse contrato se refaz, concretamente, e, nesse sentido, semelhante ao atendimento clínico: ele também é um contrato que se refaz a cada encontro.

E como poderíamos pensar a entrada da psicanálise nesse trabalho?

O que me ajuda a pensar que faço psicanálise fora do consultório é o conceito de transferência, pensada de um modo diferente de como Freud o propõe para o atendimento em consultório. Não dá para simplesmente migrar os conceitos de um lugar para o outro sem se fazer as devidas releituras. Utilizo-me de uma autora, Marlene Guirado⁴, para pensar a questão da psicanálise para além do consultório. Ela trabalhou o conceito de transferência em Freud e dele fez um recorte como cenas que se reeditam em cada nova relação que se faz. Cada uma das pessoas que estão lá possuem uma história que antecede aquela que ela vive ali, e que vai sendo reeditada a partir dos códigos dessa nova instituição. Num abrigo, cada um vai transferir ali o seu modo singular de pensar, se posicionar, e é isso que vai ser analisado. Não vou remeter à história individual de cada um, mas na reedição que se constrói na dinâmica institucional. Por exemplo, em que lugar cada um se coloca e coloca o outro, as responsabilidades que assumem ou deixam de assumir, e as expectativas que cada um tem nessas relações. Eu gostaria de enfatizar que o conceito de transferência nos ajuda a pensar o trabalho em qualquer lugar que estejamos. Um exemplo próximo são as Jornadas que os departamentos do Sedes fazem. Se prestarmos atenção, há um grande número de trabalhos apresentados atualmente que não dizem respeito à clínica tradicional. E dá para perceber que, ora mais, ora menos explicitamente, surge a pergunta: o que eu faço é psicanálise?

„O que me ajuda a pensar que faço psicanálise fora do consultório é o conceito de transferência, pensada de um modo diferente de como Freud o propõe para o atendimento em consultório.“

De fato, estamos aqui hoje, um pouco levados por essa pergunta, que é recorrente, uma vez que a psicanálise é chamada a atender toda uma carência das instituições, numa demanda de ampliação desse instrumental complexo e sofisticado que temos. Mas um psicanalista, trabalhando num certo recorte, necessariamente faz desse trabalho psicanálise?

Acho que isso tem a ver com o fato de que nossa formação está marcada pela produção freudiana, que se deu na clínica do próprio Freud. Igualmente, nossa formação psicanalítica também se dá pelos atendimentos clínicos. Aí, quando saímos desse instituído, ficamos sem saber o que estamos fazendo. Digo isso também porque, muitas vezes, nós,

psicanalistas, acreditamos que, atualmente, essa dúvida não tem sentido, uma vez que, comprovadamente, a psicanálise está presente em outras instituições. Mas observo que não é assim. Acho que cada um se faz essa pergunta quando começa a trabalhar fora do consultório. E aí, o conceito de transferência ajuda a pensar na resposta. Se trabalho com ele, estou fazendo psicanálise onde quer que eu esteja.

Há um texto do Green no qual ele menciona o enquadre interno do analista, que ele leva para qualquer lugar. Ele ilustra sua ideia com uma analogia com a jóia e o estojo que a contém, sendo a jóia o enquadre interno do analista e aí, não importa, qualquer estojo vai caber se você tiver garantido essa condição.⁵

Entretanto, nesse deslocamento da psicanálise, não basta somente transferir de maneira direta os conceitos que Freud forjou. Essa ideia da *transferência* como uma cena que se reedita está em Freud, só que de forma muito mais ampla.

Tanto para você como para o grupo Acesso, existe uma preocupação de que esses trabalhos estejam sempre fincados dentro de um *estojo* psicanalítico, ou seja, uma metapsicologia para sustentar essas práticas? Porque por outro lado estamos falando de populações que demandam muitas outras coisas e que se pode correr o risco de se ferir esse estojo na busca de tentar dar conta dessas outras demandas. Os terapeutas são convocados a 'tapar buracos' da educadora, do pai, do juiz, então acho que é o momento de parar, de voltar a um eixo, pensar de que ângulo estou falando, é um volume de vozes e de demandas...

No grupo Acesso, pensamos em desmembrar esse grupo que faz as conversas com os abrigos. Um analista que atende uma criança [que mora em um abrigo] pode se ver inundado por demandas excessivas, com questões que ele percebe que são de outra ordem, que vão invadindo o *setting* do atendimento da criança.

Mas entendo que esse braço do Acesso ainda assim se utiliza de um referencial psicanalítico para escutar essas demandas que atravessam o atendimento dessas crianças.

Sim, não trabalhamos com outra teoria. Nossa entrada é via psicanálise. Nós nos deparamos no grupo Acesso com casos que freqüentemente

⁵ [...] nós sabemos que o enquadre não tem valor senão enquanto metáfora de um outro conceito (o modelo de sonho, a proibição do incesto e do parricídio, os cuidados maternos, etc.). Na psicoterapia, a falta de um enquadre, análogo a esses da psicanálise, obriga o analista a se referir a um enquadre interno. Ou seja, ao enquadre que ele internalizou no decorrer de sua própria análise e que, mesmo fora do trabalho analítico em psicoterapia, não está menos presente no espírito do analista, regendo o limite das variações que ele autoriza, o levando a salvaguardar as condições necessárias na busca de mudanças etc. Essa noção de enquadre interno é uma aquisição essencial da análise de formação que deve, portanto, zelar por um grande rigor, a fim de que o processo de internalização seja realizado. Green, A. Enquadre-Processo-Transferência in: Orientações para uma psicanálise contemporânea. Imago, 2008.

trazem exigências de todos esses âmbitos: do juiz pedindo um posicionamento, dos profissionais do abrigo querendo que o terapeuta resolva determinadas questões, muitas vezes a própria escola, e nós cuidamos para que esse terapeuta não seja invadido excessivamente. Por exemplo, se é uma questão com o Fórum, a Márcia [Ferreira], que é co-coordenadora do grupo Acesso, entra conversando com o Fórum, explicando, por exemplo, que não cabe a nós dizer se o casal candidato à adoção é bom ou não. Os atendimentos do Grupo Acesso exigem um trabalho em rede, com mais profissionais, intervenções nesses outros âmbitos, porque somente o atendimento psicoterápico da criança não dá conta.

A entrada do Acesso nesses casos visa proteger o atendimento dessas crianças ou responder essas outras demandas?

Nós entramos para responder, mas tem como efeito a proteção do atendimento, nós escutamos que há uma demanda.

É interessante porque ao entrar dessa forma, vocês dão uma mensagem também do respeito ao lugar dessa criança e da análise dela. Muitas vezes, para o abrigo, as coisas estão misturadas, a criança não tem privacidade, nem com relação aos pais, nem com relação à justiça, nem com relação ao cotidiano no abrigo. Então, quando vocês entram com essas delimitações, mostram para o abrigo outro jeito de se respeitar os lugares que cada um ocupa.

Sim, de remeter as questões deles para um outro lugar que não aquele, que não a criança, mas de ter a oportunidade de pensar se aquela questão não tem a ver com a prática ou com a organização daquele determinado abrigo. Tem uma pergunta que a Márcia sempre nos faz, para a qual não temos ainda uma resposta: “que clínica é essa?”. Essa pergunta faz muito sentido, porque a tendência imediata é de dizer: “é a clínica psicanalítica”. E não sei se é assim.

Mas, e como podemos falar da clínica psicanalítica nesse âmbito?

Com certeza, não é a clínica tradicional, ela exige outros parâmetros.

Bem, mas o atendimento de criança, ele próprio, já vem com vários atravessamentos, por exemplo, temos hoje, um desdobramento da família mais tradicional, então recebemos a ‘invasão’ da madrasta, da avó, da tia... De certa forma nos perguntamos o tempo todo “que clínica é essa?”

Concordo com você. É que estou pensando se há diferença entre você,

analista, ter que dialogar com o Fórum e dialogar com a família. É uma rede, é uma parceria, mas ao mesmo tempo, não se está ali para se responder ao que o Fórum quer, mas também há muitas questões em que a entrada do Fórum é fundamental.

E só estamos falando em Fórum, em abrigo, uma vez que temos uma criança em jogo. Como juntar tudo isso, criança, psicanálise, instituição, e supervisão institucional? Quando você está lá, como analista institucional, você tem a criança como ponto da sua escuta?

Esse é um problema grande, já que é fácil, nessas reuniões de supervisão, entrar em defesa da criança e o trabalho deixar de ser analítico e passar a ser de orientação e aconselhamento. Penso que se eu entro dessa forma, estou fazendo outra coisa, uma formação de educadores, mesmo que pautada pelo referencial psicanalítico, mas não estou fazendo psicanálise. Lembro-me de uma situação num abrigo, em que não houve jeito, nesse encontro eu tomei a criança para mim. Só depois é que eu pude perceber o que estava em jogo e que os profissionais não foram escutados de fato. Na reunião, eles começaram a contar o que havia se passado com um garoto – que até então nunca havia feito parte dos relatos da equipe – que havia pego um rodo e batido na cabeça de outra criança. Só que essa havia sido a última situação de uma série de outras que havia se passado com ele. Posso falar do acontecido porque isso já foi até escrito. Uma educadora estava cuidando de uns bebês e essa criança, que tem oito anos, estava junto. A educadora saiu para jogar a fralda no cesto de lixo e, quando retornou, viu que ele estava pondo o pipi dele na boca de um bebê e dizendo: “chupa, chupa”. A educadora ficou transtornada de ver aquilo e diz na reunião: “a minha vontade era de pegar esse menino e jogar longe dali. Mas eu disse: ‘sobe essa calça já que eu vou chamar a diretora do abrigo’”, o que já foi bom, foi um grande trabalho de contenção, dela própria e da criança. À noite, nesse mesmo dia, os técnicos já haviam ido embora, essa mesma educadora ainda estava no abrigo. A criança quebrou uma porta de vidro, pegou um caco e foi para cima dela. Ela entrou em contato com os técnicos, que retornaram ao abrigo e o acalmaram. No dia seguinte, o abrigo recebeu uma ligação da escola, dizendo que esse menino estava

„Um analista que atende uma criança [que mora em um abrigo] pode se ver inundado por demandas excessivas, com questões que ele percebe que são de outra ordem, que vão invadindo o *setting* do atendimento da criança.“

'surtando'. A diretora do abrigo se encaminhou diretamente para a escola. Lá, havia oito funcionários segurando a criança, todo mundo gritando: "chama o SAMU, esse menino está louco" – essa foi a terceira cena. A diretora pede para soltarem a criança e diz para ele: "Onde já se viu você fazer uma coisa dessas! Todo mundo pára de trabalhar para vir te acudir! Isso não se faz!". Foi uma fala de educador. E o menino sossegou. Depois disso, passou bem o dia e à tarde ele feriu a menina com o rodo. A diretora dizia que a vontade dela era de colocá-lo num tambor e fechá-lo lá para ele ficar quieto e não fazer mais nada. Isso porque ela não estava dando conta de socorrer a criança que foi ferida e cuidar para que ele não aprontasse mais nada. Enfim, quero contar com isso, das situações que se apresentam num abrigo e que esses educadores têm que se haver com um excesso que é difícil de lidar. Acho que a fala dessa diretora, com relação ao tambor, foi muito importante; ela também estava se contendo. Ela disse para ele: "você vai ficar aqui e daqui você não sai". Essa fala calou fundo. Pode ser que para a criança essa fala tenha feito o seguinte sentido: 'você tem um lugar aqui e daqui você não sai'. Isso porque o menino sossegou. Não que tenha dado conta, mas parece ter tido um efeito de garantir um lugar para essa criança.

E você se lembrou dessa passagem porque você havia dito que, nesse caso, você colocou a criança na frente.

Isso. Nesse dia, eu estava gravando esse encontro e pude ouvir depois. Ela dizia para mim: "ele faz a cena dele e depois ele fica 'aiaiaiaiaia'". E eu digo naquela hora: "ele ficou assustado" e não: "você estavam assustados!". Tomei a criança, sendo que meus 'sujeitos' eram eles. Quando há uma criança em jogo, acho que corremos o risco de fazer isso. A hipótese construída sobre a criança poderia até estar certa, mas não fazia sentido para eles. Houve outros momentos, nesse mesmo encontro, em que a intervenção ajudou, por exemplo, organizou a sequência dos episódios, o que permitiu aos profissionais atribuir algum sentido aos acontecimentos. Mas em muitos momentos, a intervenção, que poderia ter privilegiado os profissionais, não o fez, e, dessa forma, não os ajudou porque não puderam se reconhecer.

„é fácil, nessas reuniões de supervisão, entrar em defesa da criança e o trabalho deixar de ser analítico e passar a ser de orientação e aconselhamento.“

Bem, fechamos nossa conversa então com esse relato ilustrativo das questões que envolvem esse trabalho. Agradecemos a sua disponibilidade em conversar conosco.

E eu quero agradecer a oportunidade desse encontro. Ter 50 minutos só para falar do trabalho é uma delícia!

PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA sugestões de leitura

Isabel da Silva Kahn Marin, psicanalista, é professora da faculdade de psicologia da PUC-SP. Publicou **Violências**, em 2002, e **FEBEM, Família, Identidade: O Lugar do Outro**, em 1988, ambos pela editora Escuta.

Em um debate sobre Psicanálise e Políticas Públicas, com Isabel Marazina, Maria Cristina Kupfer e Eduardo Losicer realizado pela Revista *Percurso*, Isabel Kahn afirmou:

"(...) Foucault nos ensinou para que vieram os conhecimentos sobre o sujeito humano e sua tentativa de aplicação. O suporte da dor, a proposta de buscar o sentido daquilo que está sendo dito, deixar que os sujeitos (pacientes, alunos, famílias, agentes de saúde, educadores etc.) falem, atuem, e construam seus dramas pessoais são questões reais que a sociedade enfrenta e que, portanto, está no âmbito das políticas públicas. É justamente o psicanalista o profissional que pode ajudar a suportar o vazio e o desamparo que resta nos encontros humanos e que permitem ao sujeito advir. Sabemos o quanto isto é difícil e muitos dizem que só a experiência do divã a permite. Posso testemunhar por meio de minha experiência como supervisora clínica e institucional, onde tenho acompanhado diferentes profissionais que atuam desde a área de saúde – hospitais, ambulatórios, centros de saúde – até a área educacional – escolas, creches, abrigos, unidades da FEBEM, passando pelas varas de Infância e Juventude ou Família, que isto é possível. Em todos esses contextos, a atenta escuta para o sentido que o conflito aponta e para a repetição das queixas do sem saída, liberta os sujeitos que estão enredados numa trama, num imaginário de salvar o outro." (PERCURSO: REVISTA DE PSICANÁLISE / NUMERO 29, SEGUNDO SEMESTRE DE 2002, p. 121)

Marlene Guirardo é psicanalista, analista institucional, professora do Instituto de Psicologia da USP. Dentre os vários livros que publicou, destacam-se os seguintes relacionados com o tema: **Instituição e Relações Afetivas – O Vínculo com o Abandono**, Ed. Casa do Psicólogo, 2004; **Psicologia Institucional**, Ed. EPU, 2004; **A Criança e a FEBEM**, Ed. Perspectiva, 1980.

o direito à própria história: um trabalho em abrigos

Julia Eid¹

Há alguns anos, realizo um trabalho com crianças e adolescentes que vivem em abrigos através do Programa Fazendo Minha História, do Instituto Fazendo História². Ocupo o lugar de *colaboradora*, e não de psicanalista. Semanalmente, vou aos abrigos e me reúno com crianças e adolescentes para registrarem suas histórias de vida. O objetivo do programa é criar meios de expressão para que cada criança ou adolescente que vive em abrigo possa entrar em contato com sua história de vida. Apóia-se em 3 pilares fundamentais: o vínculo com a criança ou adolescente, a mediação de leitura e o álbum.

Ao iniciar o projeto, cada criança ou adolescente recebe um álbum em branco, com muitas páginas a serem recheadas com seus textos, fotos e desenhos. Elaborado em parceria com o colaborador, ele se torna um lugar de registro e preservação da sua história de vida, com informações importantes sobre a sua família, seu tempo no abrigo, seus amigos, sua escola, suas perspectivas e sonhos para o futuro.

Os encontros em que 'fazemos história' como falam as crianças, podem acontecer individualmente ou em grupo – depende do tipo de contrato que o abrigo estabelece com o Instituto.

Atualmente, realizo os encontros em grupo. Chego ao abrigo, organizo o material junto com o educador que coordena o grupo comigo, e chamo as crianças. Iniciamos o grupo com a leitura de livros infantis, que introduzem a criança ao universo da fantasia, da imaginação, ao mesmo tempo em que inauguram nela a possibilidade de visitar sua história. Em seguida, a partir de um tema ou de uma atividade levada por mim e pelo educador, cada criança faz um registro de algo que lhe diz respeito.

Houve um encontro em que falamos de medo, e lemos o livro *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, que conta a história de uma menina que tinha medo de tudo. Depois da leitura, abrimos a roda para as crianças falarem de seus medos

enquanto mexiam com massinha de modelar. Uma cobra vira uma aranha, aparece um morcego, alguém fala de um ladrão, todos se lembram do escuro, e uma menina diz que não tem medo de nada... medo de nada? Eu me espanto, dizendo a ela que não conhecia até então alguém que não tinha medo de nada! Por aquilo que eu já conhecia dela, é uma criança que quando se sente ameaçada, reage agressivamente, 'ataca'. O que será que a ameaça, me perguntei. Pensei que daria para falar com ela sobre 'o medo de ter medo'. De algum jeito, poderíamos iniciar uma conversa, porque naquele momento eu entendia que falar de medo dava medo.

Talvez porque outras crianças estavam falando sobre isso e por ter percebido que eu estava disponível para ela, aos poucos foi se abrindo espaço para ela falar de seus próprios medos. Então, me disse "eu não tenho medo nenhum porque qualquer coisa que eu tiver medo, é só eu falar para o meu tio que ele mata!". Começou então a falar das coisas que poderiam aparecer e que pediria para o seu tio matar. Perguntei se eu podia escrever essa conversa no seu álbum, ela concordou, e fizemos a *página do medo*. E pediu para eu escrever que tinha medo de ladrão também. Na semana seguinte, quando fizemos um segundo encontro ainda sobre o tema, ela disse que tinha medo de mim, porque às vezes eu tinha cara de bruxa.

No trabalho dentro do abrigo é possível exercer a psicanálise? Não sei se posso responder a essa pergunta. Para tanto, deveria ter muito claro o que é fazer psicanálise, e me considero ainda uma iniciante nesse campo. Mas posso falar sobre o quanto o referencial psicanalítico tem influenciado a minha prática dentro dessas instituições.

Uma criança que mora num abrigo convive com mais outras vinte, cada uma contendo uma história-bagagem diferente. E, às vezes, em meio à correria do dia-a-dia da instituição – que não é pouca – ela pode deixar de ser *uma*. Será que já foi uma algum dia? Foi olhada e respeitada como sujeito de sua própria história? Será que já foi alguém para alguém? Ou será que foi morar no abrigo justamente por nunca ter sido *uma*?

O álbum, objeto principal do programa, tem o lugar do individual dentro de um universo em que na maioria das vezes reina o coletivo. Os encontros abrem espaço para a criança expressar o seu mundo através de desenhos, histórias, fotos, conversas, brincadeiras. A criança se visita a cada encontro, olhando as páginas que já fez, imaginando as que estão por vir.

"Quando eu terminar meu álbum eu vou embora daqui?" me pergunta outra menina. Há alguns encontros, ela se mostrava ansiosa para preencher as páginas do álbum. Na

sua fantasia, sairia do abrigo quando o completasse.

Algumas crianças, no começo do projeto, acham que o álbum ficará comigo quando terminado. Me encontram, fazem uma página, mas acreditam que aquilo irá embora comigo no final do projeto. Quando entendem que o álbum lhes pertence, é impressionante como a sua relação com ele se transforma! Ora amam, ora odeiam tudo aquilo. Têm uma relação muito intensa com todo o seu conteúdo que se renova constantemente. Ganham memória na medida em que *fazem sua história*.

Poder olhar para cada criança como única é algo que vem da psicanálise. Nesse sentido, fica difícil falar genericamente sobre *as crianças do abrigo*. Acredito que o olhar e a escuta oferecidos em cada encontro podem ser *subjetivantes* – e isso tem norteado o meu trabalho. A tentativa, no dia-a-dia, é de estabelecer uma troca com a criança que vai para além de um simples registro de informação. É poder olhar para ela de um modo inquietante, que, nesse sentido, a inquiete também no sentido de produzir nela alguma marca, um incômodo, uma pergunta. “Quando é meu aniversário?”, “Que dia que eu nasci?”, “Quando eu vou sair daqui?”, “Quando eu vou ver minha mãe?”, são perguntas que elas começam a me fazer – a se fazer – enquanto fazem sua história. Poderíamos simplificar pelas perguntas: De onde eu vim? para onde eu vou? Quem sou eu? São questões que indicam a existência de um sujeito.

Durante dois anos, acompanhei um menino fazendo sua história no abrigo em que morava. Quando o conheci, com 7 anos, ele tinha muito pouco para falar de si mesmo. Não sabia dizer do que gostava e não gostava, parecia que nunca tinha sido convocado a olhar e falar de si, e chamava a atenção o fato de parecer não possuir uma “marca pessoal”. Dava a impressão de ser fraco, frágil, vazio. Tinha um corpo, mas tinha sido pouco *subjetivado*. O trabalho com ele foi norteado para além do resgate da sua história: era preciso primeiro resgatar ele mesmo – no sentido de *lhe entregar a ele mesmo*.

Nos encontros, esse ‘resgate’ se iniciava com a leitura de livros: ele entrava em contato com o mundo de uma personagem para então entrar em contato com o seu. As identificações e contraposições que fazia com as personagens foram, aos poucos, delineando e dando forma à pessoa que ele é – foi se descobrindo um sujeito. Aos poucos foi sendo possível criar páginas sobre as coisas que gostava, que fazia, que sonhava.

No segundo ano em que o acompanhei os encontros passaram a ser em grupo. E certo dia disse: “Quero muito voltar para a casa da minha mãe ... eu tenho medo dela não vir mais visitar ... Se eu for adotado, quero que seja uma família

que cuide e trate muito bem de mim, uma família que não seja louca”. Ele foi *se apreendendo*, e nesse sentido aprendeu que tem o direito à própria história, tem o direito a si mesmo.

Nesse trabalho institucional, ocupo o lugar de estrangeira para a criança. Na medida em que a acompanho na sua história, é preciso também que eu a estranhe, no sentido de que eu possa ser alguém que escuta, que se encanta, que se assusta, principalmente que se toca por aquilo que ela diz. É importante ajudá-la a ter a dimensão da sua história, e acompanhá-la nos caminhos que escolhe percorrer, auxiliando na tradução necessária entre o vivido e a sua lembrança, criando, na medida do possível, possíveis sentidos para as histórias de sua vida.

LIVRO

O MURMÚRIO DOS FANTASMAS (Boris Cyrulnik)

São Paulo, Martins Fontes – 2005 – 184 páginas

O escritor francês, que também é neuropsiquiatra e psicanalista, Boris Cyrulnik, tornou-se conhecido por escrever ao mundo sobre a resiliência. Sendo de origem judaica, quando pequeno teve seus pais assassinados em um campo de concentração no período da Segunda Guerra Mundial e, a partir de sua própria experiência traumática, teorizou sobre a capacidade que as pessoas têm, umas mais que as outras, de transformar o horror da realidade em poesia.

Baseado em fatos reais de crianças e adolescentes que não sucumbiram às agressões e ao abandono por parte de seus familiares e substitutos, o livro é uma mensagem de esperança que propõe uma nova atitude diante do sofrimento psíquico. A resiliência, segundo Cyrulnik, não é uma receita de felicidade, mas sim uma estratégia de luta contra a infelicidade que permite obter prazer em viver, apesar do murmúrio dos fantasmas no fundo da memória. Deste modo, “infelicidades maravilhosas” é o oxímoro que define essas vidas que por meio de novos encontros afetuosos puderam reescrever sua própria história. A capacidade criativa, a leitura e a escrita, assim como os devaneios e as fantasias foram algumas das estratégias psíquicas que lhes permitiram sair do pântano a fim de alcançar a luz.

Os trechos biográficos de Marilyn Monroe e Hans Christian Andersen também povoam o livro dando nuances mais românticas ao texto. Ambos tiveram uma infância constituída por humilhações e sofrimentos reais, associados a encontros afetuosos e à cultura. Mas apenas um deles conseguiu ligar esses mundos opostos através da arte para transformar o sofrimento em êxtase e o patinho feio em cisne.

A escolha desta leitura é destinada a psicanalistas que se interessam pelo trabalho com crianças abrigadas, e que apostam no vínculo, no espaço terapêutico e nas intervenções com os educadores dos abrigos como agentes de resiliência, dando a oportunidade para essas crianças se colocarem como responsáveis pela própria vida e assim, serem donas de seus destinos.

Larissa Nunes

LIVRO

KAFKA E A BONECA VIAJANTE (Jordi Sierra i Fabra)

São Paulo, Martins Fontes – 2008 – 127 páginas

Por que a dor infantil é tão poderosa? Questiona o personagem que se vê consternado diante do choro de uma menina que havia perdido sua boneca. Um homem sentado em uma praça vê essa cena e não consegue desvencilhar-se dela, trata-se na verdade do escritor tcheco Franz Kafka, que, segundo Dora, sua companheira na época, ele de fato escreveu durante três semanas cartas para uma menina que perdera sua boneca, material esse que nunca foi encontrado, mas que o autor espanhol ganhador do prêmio nacional de literatura infantil e juvenil em 2007 justamente com esse livro, baseando-se nessa história real, transcreveu e deu figurabilidade a essa situação inusitada. Com uma escrita despojada, sem grandes elucubrações e envolvente, nos convida a participar com ele dessa farsa que o personagem (Kafka) inventa para ajudar a menina (Elsi) a se conformar com a perda de sua companheira, se intitula carteiro de bonecas e passa a relatar para a menina em cartas, as aventuras que sua boneca (Brígida) nos vários lugares do mundo que passou a visitar depois de deixá-la e com isso ajuda-a a superar a sua perda.

As verdadeiras cartas e a identidade da menina nunca foram descobertas, mas a ficção empresta a essa história uma singular e comovente narrativa que prende a atenção do leitor, utilizando as palavras do personagem: - O maior absurdo depende da sinceridade com que é contado.

Mas, enfim por que existe tanto poder na dor infantil? Essa indagação movimenta as peripécias com que o personagem se depara tentando aplacar a sua própria angústia em ver aquela criança inconsolável diante da perda de sua boneca. E por que será que isso acaba também nos envolvendo? Talvez essa dor nos remeta ao desamparo e à solidão que um dia já experimentamos e por compaixão nos aflija e nos solicite para algum tipo de auxílio, ou quem sabe por solicitar de nós uma resposta, uma prontidão, afinal, quando nos propomos a trabalhar com crianças assumimos um pouco esse papel de correspondente, tentando, de algum modo, nos comunicar com a criança e seu mundo, não é esse o desafio ao qual somos frequentemente convocados? Afinal, como diz o autor: - Salvar uma menina não é salvar o mundo?

José Carlos Neves Machado

DICA DO E
Ambos os livros
disponíveis na E
Virtual, um port
compra e venda
usado no qual p
encontrados titu
dos, inclusive ra
estantevirtual.co
(O MURMÚRIO
FANTASMAS de
a R\$ 40,00; KA
BONECA VIAJ
15,00 a R\$ 23,0

em foco

Cultura e Psicanálise

// Bernardo Tanis

apresentou a palestra *Está tudo tão estranho... Ética, o eu e o outro*, no evento Novíssimas Conferências De Introdução A Psicanálise. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 24 de março.

// Bernardo Tanis

apresentou a palestra *Gesto, marca da diferença, constituição da alteridade*", no simpósio Traço, Forma E Psicanálise. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 10 de abril.

// Bernardo Tanis

apresentou a palestra *Representações apaixonadas, paixões representadas*, no II Encontro Bienal De Psicanálise E Cultura. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, em 15 de maio

// Bernardo Tanis

apresentou a conferência *Psicanálise e suas Interfaces*, no VII Simpósio De Psicanálise. Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso, em 28 de maio.

// Denise Feliciano

apresentou a palestra *Para além do seio: amamentação e vínculo pais e bebê* no XI Encontro Nacional de Aleitamento Materno ENAM / I Encontro Nacional de Alimentação Complementar Saudável ENACS. Santos, em 10 de junho. Os trabalhos estão disponíveis no site ibfan.org.br/enam

em foco

// Márcia Porto Ferreira

realizou a oficina *O lugar dos abrigos na psicoterapia de crianças e adolescentes*", no Instituto Fazendo História, no Programa Com Tato. A oficina contou com a presença de técnicos e educadores dos abrigos Anália Franco, Joselito Lopes Martins, Minha Casa, Abrigo Solidário Pinheiros, Casa Abrigo Santana-Núcleo 1, Educandário Dom Duarte- Lar 2, Casa Semeia, Lar de Elisinha e Dom Bosco -Casa Me. Mazzelelo. Em 29 de maio.

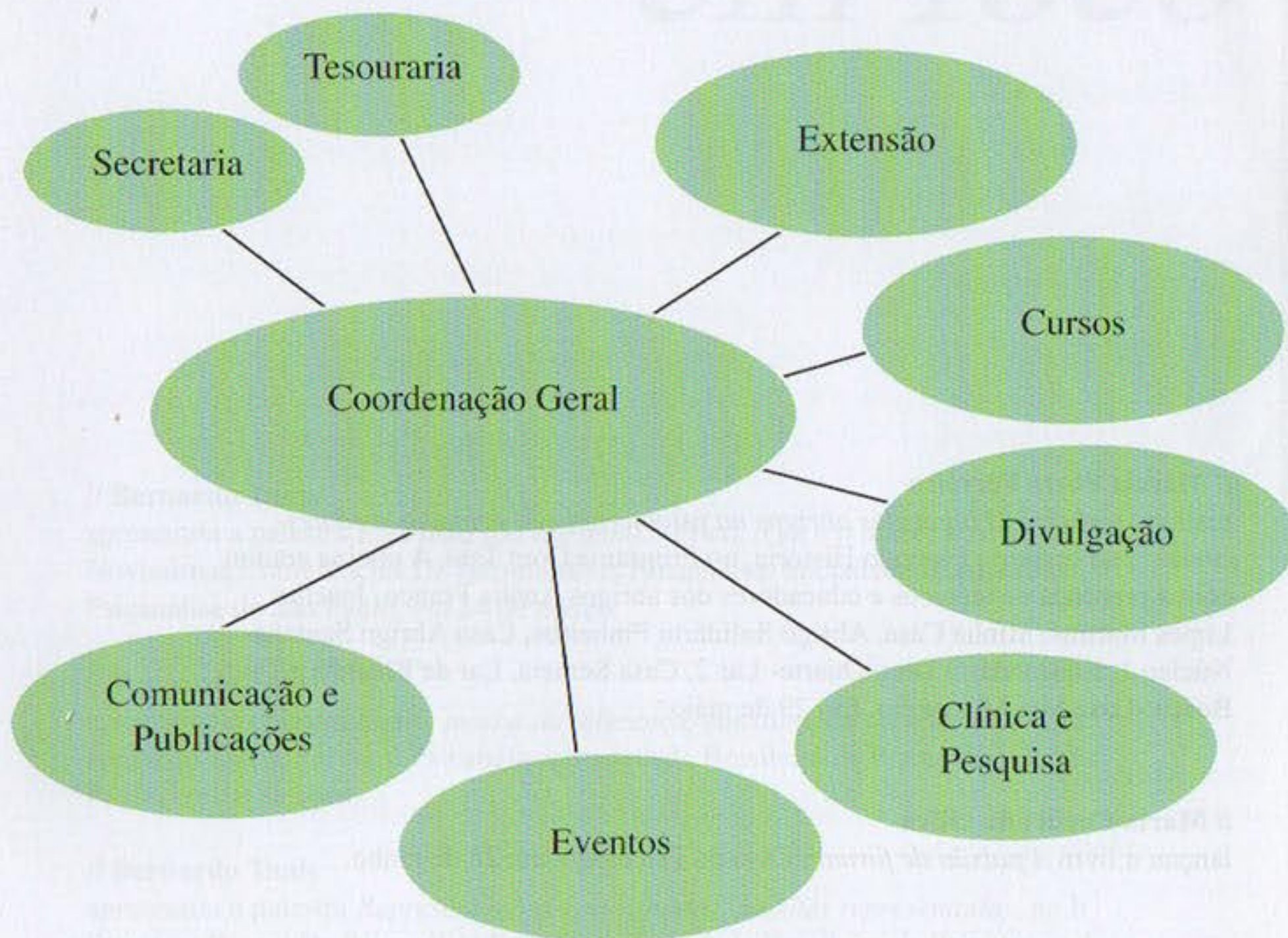
// Maria Cecília da Silva

lançou o livro *A paixão de formar*. Casa do Psicólogo, em 28 de junho.

// Tereza Marques

ganhou o Premio Madre Cristina, concorrendo na I Mostra Estadual de Práticas Inovadoras em Psicologia, realizado pelo CRP, com o trabalho *Atenção Materna Primária – consultas terapêuticas com gestantes: uma proposta de prevenção comunitária*. O trabalho, fruto de sua tese de doutorado foi desenvolvido dentro do projeto 'Parentalidade: consultas terapêuticas com gestantes', realizado pela ONG Habitare.

organograma



Representantes em outras Instâncias:

NÚCLEO DE DEPARTAMENTO

Lia Lima Telles Rudge

NÚCLEO DE CURSO

Maria Dias Soares

GRUPO DE ARTICULAÇÃO (RJ)

Adela Stoppel de Gueller

Ada Morgenstern

Mary Ono

Coordenadora Geral

Márcia Regina Porto Ferreira (mrpf@sti.com.br)

Clínica e Pesquisa

Adela Stoppel de Gueller (adelastoppel@uol.com.br)

Alessandra Barbieri (aleclb@uol.com.br)

Lia Rudge (rirudge@uol.com.br)

Lia Pitliuk (lia8@uol.com.br)

Comunicação e Publicações

Denise de Sousa Feliciano (denisefeliciano@uol.com.br)

Alessandra Barbieri (aleclb@uol.com.br)

Fernanda Colucci Fonoff (fmcolucci@gmail.com)

Julia Eid (jueid@hotmail.com)

Curso

Mary Ono (onomay@hotmail.com)

Ada Morgenstern (ada.morgenstern@gmail.com)

Adela Stoppel de Gueller (adelastoppel@terra.com.br)

Audrey Setton L. de Souza (asetton@uol.com.br)

Bernardo Tanis (tanis@uol.com.br)

Elsa Vera Kunze P. Susemihl (esusemihl@gmail.com)

Lia Pitliuk (lia8@uol.com.br)

Magaly Miranda Callia (magalymm@ig.com.br)

Marcia Regina Porto Ferreira (mrpf@sti.com.br)

Maria Dias Soares do Amaral (md.soares@terra.com.br)

Maria do Carmo V. M. Dittmar (lilavidigal@terra.com.br)

Maria José Porto Bugni (bugni@uol.com.br)

Mary Ono (onomay@hotmail.com)

Divulgação

Alessandra Barbieri (aleclb@uol.com.br)

Eventos

Ada Morgenstern (ada.morgenstern@gmail.com)

Fernanda Arantes (fe.arantes@uol.com.br)

Gabriela Domingues (gabi@rga.com.br)

Leonor de Carvalho Franco (vaz_franco@uol.com.br)

Ligia Paula Rabinovitch (ligiasilber@hotmail.com)

Maria Engracia Garcia Perez (mariaengracia_gra@yahoo.com.br)

Maria do Carmo V. M. Dittmar (lilavidigal@terra.com.br)

Sonia Maria Chiurato Dias (soniadias@terra.com.br)

Extensão

Elsa V. Kunze P. Susemihl (esusemihl@gmail.com)

Afrânio de Matos Ferreira (afraniodematos@uol.com.br)

Audrey Setton L. de Souza (asetton@uol.com.br)

Secretaria

Atualmente sem responsável

Tesouraria

Fernanda Arantes (fe.arantes@uol.com.br)

Daniela Tulio (danitulio@uol.com.br)

O BOLETIM está aberto a receber:

- Artigos para ENSAIO
- Dicas culturais e psicanalíticas (resenhas, filmes, exposições, eventos, etc) para CONFIRA!
- Notas de participação para EM FOCO

Envie para denisefeliciano@uol.com.br

EXCLUSIVO PARA MEMBROS DO DEPARTAMENTO E ALUNOS EM FORMAÇÃO NO CURSO DE PSICANÁLISE DA CRIANÇA

O Boletim mantém o conteúdo original dos textos recebidos, com respeito ao estilo pessoal dos seus autores.